

Estado da publicação: O preprint foi submetido para publicação em um periódico

Quando ela olhou a pandemia: Uma fotografia, incontáveis filmes

Arlinda B. Moreno

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.3333>

Submetido em: 2021-12-08

Postado em: 2021-12-26 (versão 2)

(AAAA-MM-DD)

Quando ela olhou a pandemia: Uma fotografia, incontáveis filmes
When she looked at the pandemic: One photograph, countless movies
Cuando ella miró la pandemia: una fotografía, innumerables películas

Arlinda B. Moreno^{1,a}

arlinda.moreno@fiocruz.br | <https://orcid.org/0000-0002-8282-6521>

¹ Fundação Oswaldo Cruz, Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca, Departamento de Epidemiologia e Métodos Quantitativos em saúde. Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

^a Doutorado em Saúde Coletiva pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Informações do artigo

Contribuição dos autores: A autora é a única responsável pela: Concepção e desenho do estudo; Aquisição, análise ou interpretação dos dados; Redação do manuscrito; Revisão crítica do conteúdo intelectual.

Declaração de conflito de interesses: não há.

Fontes de financiamento: não houve.

Considerações éticas: não há.

Agradecimentos/Contribuições adicionais: Agradeço especialmente à sensibilidade daqueles que fotografam almas. Meu muito obrigada a Narinder Nanur.

Apresentação anterior: não há.

Quando ela olhou a pandemia: Uma fotografia, incontáveis filmes**When she looked at the pandemic: One photograph, countless movies****Quando ella miró la pandemia: una fotografía, innumerables películas****Resumo:**

O impacto sensorial e afetivo de uma fotografia em uma matéria jornalística pode mitigar a mensagem da lide e até mesmo o conteúdo da reportagem como um todo, com potencial para conduzir o leitor a um sem-número de histórias paralelas. Essas histórias podem se imbricar ao tema explorado pela mídia, mas também podem se expandir para várias outras questões, memórias, eventos, autores desvelando para o leitor outras camadas situacionais que transcendem a esfera da simples leitura conduzindo à reflexividade. Este texto tem, portanto, a pretensão de refletir detidamente acerca das iniquidades em saúde, em especial em relação à distribuição de vacinas contra a COVID-19 no planeta, a partir de uma imagem publicada pela France Presse numa matéria sobre um dia com recorde de aplicação de doses da vacina contra a COVID-19 na Índia.

Palavras-chave: Fotografia; Iniquidade em Saúde; Atenção à Saúde; COVID-19; Sindemia.

Abstract:

The sensory and affective impact of a photograph in a journalistic story can mitigate the headline's message and even the content of the report as a whole, with the potential to lead the reader to countless parallel stories. These stories can overlap with the theme explored by the media, but they can also expand to various other issues, memories, events, authors unveiling to the reader other situational layers that transcend the sphere of simple reading, conducting to reflexivity. This text, therefore, intends to reflect carefully on health inequities, especially in relation to the distribution of vaccines against COVID-19 on the planet, based on an image published by France Presse in an article about a day with a huge amount of application of doses of vaccine against COVID-19 in India.

Keywords: Photograph; Health Status Disparity; Health Care; COVID-19; Syndemic.

Resumen:

El impacto sensorial y afectivo de una fotografía en una historia periodística puede mitigar el mensaje principal de la noticia e incluso todo el contenido del informe en su conjunto, con el potencial de conducir al lector a innumerables historias paralelas. Estas historias pueden superponerse con el tema explorado por los medios de comunicación, pero también pueden expandirse a varios otros temas, recuerdos, eventos, autores que develan al lector otras capas situacionales que trascienden la esfera de la lectura simple, lo que promoviendo a la reflexividad. Este texto, por tanto, pretende reflexionar detenidamente sobre las inequidades en salud, especialmente en relación a la distribución de vacunas contra COVID-19 en el planeta, a partir de una imagen publicada por France Presse en un artículo sobre un día con un registro de aplicación de dosis de vacuna contra COVID-19 en India.

Palabras Clave: Fotografía; Inequidad en Salud; Atención a la Salud; COVID-19; Síndémico.

Quando ela olhou a pandemia: Uma fotografia, incontáveis filmes.

É provável que a pandemia de COVID-19 venha a ser o maior acontecimento do século XXI – talvez seja precoce prever, dado que ainda não foi alcançado o primeiro quarto do século. Não existe nenhum precedente acerca de um evento de saúde (que se tornou ambiental, social, econômico, para dizer o mínimo) tão abrangente, devastador e de comportamento imprevisível (vírus, variantes, velocidade de transmissão, etc.) na era pós-industrial da humanidade.

Nessa segunda década do século XXI, momento em que o planeta acolhe cerca de oito bilhões de habitantes, tudo leva a crer que o mundo encolheu. Que as fronteiras são a cada dia mais fluidas e as distâncias são econômicas e não geográficas. Que, de fato, um bater de asas de borboleta que acaba de acontecer na cidade de Cochim, Querala, Índia pode influenciar o clima em Xique-Xique, Bahia, Brasil. A natureza, da qual todos nós somos parte componente e indissociável, sem primazia, superioridade ou título de proprietários – é preciso que entendamos isto e comunguemos disto -, nos transpassa com eventos, notícias, acontecimentos a cada batida de qualquer coração. Somos um todo integrado e caoticamente ordenado. Mas, alguns humanos teimam em acreditar que são a espécie animada capaz de dominar, subjugar e programar essa já dada (se não fosse perturbada pelo humano) caótica ordenação.

Um recado emblemático, delicado e sutil dessa natureza, se deu no dia 28 de agosto de 2021, numa matéria da France Presse, ecoada pelo portal G1, sobre a vacinação em massa na Índia, que informava que cerca de dez milhões de pessoas haviam sido vacinadas em apenas um dia no país – uma cifra que parece grandiosa, mas que corresponde a menos de 1% dos cerca de 1,38 bilhões de habitantes da terra do divino rio Ganges. Mas a mensagem principal e mote deste escrito se detém à magnética foto estampada na notícia e que retrata uma senhora sendo vacinada em Amritsar, no estado de Punjab, na Índia, cidade reconhecida como o centro da religião Sikh. É lá onde se deita, rodeado por um grande lago artificial (um Sarovar) ou o próprio AmritSar (*Lago de Água Benta* ou *Néctar Imortal*), o Templo Dourado dessa devoção que congrega cerca de 27 milhões de devotos. A foto é, indubitavelmente, uma obra de rara beleza do fotógrafo Narinder Nanur, da AFP - Agence France-Presse (FRANCE PRESSE, 2021)^(a).

Os olhos experientes, cativantes e imantados da senhora que ilustra a matéria são o grande destaque e fonte de todo o simbolismo que apenas uma imagem pode revelar. Neles, mora um lago de água benta, um néctar imortal – um universo na casca de noz (as pálpebras cansadas da anciã) cujo miolo

^(a) Por respeito aos direitos autorais sobre reprodução de imagens, indico aqui tão-somente o link onde a foto pode ser visualizada: : <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2021/08/28/india-vacina-10-milhoes-de-pessoas-contr-a-covid-19-em-apenas-um-dia.ghtml>

são as infinitas experiências de toda uma vida. Sua expressão transmite esperança, desespero, passado, futuro, dúvida, certeza, ceticismo, fé, desejo de sobrevivência, certeza de finitude. Sentimentos lidos de maneira tão clara e familiar que nos empurram a entrar em choque com eles mesmos em nós. Os olhos da senhora indiana são os olhos do caos ordenado a nos informar que eles mesmos – esses olhos – estão em muitas faces de outros humanos (ou não), simbolizando nosso período pandêmico.

A foto parece ter sido tirada em um posto de vacinação improvisado (ou mesmo em um atendimento domiciliar) onde objetos da vida cotidiana descansam sobre uma mesa - dentre eles muitos parecem ser medicamentos -, que não sabemos se é de trabalho ou de refeição, mas tanto faz. A senhora está ladeada por rostos e mãos femininos que parecem ser de trabalhadoras da saúde. Um smartphone na mão de alguém que pode ser uma dessas trabalhadoras, à direita da senhora, é o contraponto da mão com a seringa e a agulha que instilaram a vacina no braço esquerdo da senhora. Como que a realizar um contrapeso, uma outra mão apoia o (ou se apoia no) braço direito da senhora. Ainda compondo o conjunto de mulheres da cena, ao fundo, à direita da *senhora com os olhos do mundo*, está sentada uma outra mulher (a única que aparece utilizando máscara de proteção individual) que, com o olhar baixo, induz o espectador à sua visão de um smartphone ou mesmo uma linha de visão que se alheia à cena (FRANCE PRESSE, 2021).

E eu, aqui como espectadora, me lembro da música de Adriana Calcanhotto (2014) e pergunto: “Porque será que ela [*a senhora com os olhos do mundo*] tem os olhos de onda?” (CALCANHOTTO, 2014). Sim, ela tem esses olhos de onda; de infinitas ondas. Olhos que me fazem pensar em quantas ondas e marés já chegaram e se despediram atravessando os olhos dessa senhora. Quantas eram bebês paridos em casas de pobres ou de marajás nos centros urbanos, nos campos ou nas favelas indianas, africanas, brasileiras, colombianas, mexicanas, de alhures? Quantas dessas ondas encharcaram corpos de pessoas que se despediam da vida rumo à cremação ou ao enterro? Quantas delas celebravam a vida e seus ciclos (infância, adolescência, adultez, velhice)? Quantas choravam seus mortos? Quantas se marejavam por nascimentos? Quantas diziam bem-vindos ou adeus aos seus amados, se despedindo ou se aproximando? Ou ainda quantas ondas se jubilavam e se contentavam com o retorno de seus amantes, de seus amados?

Dez milhões de doses vacinas aplicadas em um dia. Essa era a manchete... Nada na matéria se referia ao olhar da senhora que ilustrava o texto. Talvez porque no fundo, onde mora o terror da pandemia, todos saibamos em ondas que andamos bêbados equilibristas entre a suposta (aposta?) salvação pela imunização e a contaminação por falta de sabão para uma higiene mínima que seja. De fato, bambeamos mesmo é entre fronteiras que esbanjam vacinas e outras que sequer as têm. São as iniquidades de todo o mundo dentro dos olhos dessa senhora. Países ricos que atribuem à

volição e ao direito de escolha o ato de se vacinar contra as complicações do SarsCOV-2 enquanto outros não conseguem acessar vacinas, medicamentos ou insumos básicos que minimizem as mazelas da COVID-19.

Cerca de um ano e dez meses após o início da pandemia, o primeiro dia do mês de novembro de 2021 será também conhecido por ser a véspera do dia de finados no Brasil, e em alguns países que guardam esse dia em homenagem àqueles que morreram, que contará com mais de cinco milhões de mortes por COVID-19 a serem reverenciadas ao redor do planeta. Nos olhos da senhora da foto, no céu do seu brilho e na nuvem de sua dor, todas as mortes se mostram (GOOGLE NOTÍCIAS, 2021).

Em um planeta com cerca de 7,9 bilhões de pessoas, segundo informações do site Our World in Data, o mês de dezembro se inicia também com cerca de 8,2 bilhão de doses de vacina contra a COVID-19 administradas em todo mundo. Nessa cifra tem-se que 55,2% da população mundial recebeu pelo menos uma dose da vacina, sendo, atualmente, cerca de 33,9 milhões de doses aplicadas a cada dia. Mas, a iniquidade em saúde se revela quando, entre os países de baixa renda, apenas 6,3% das pessoas receberam pela menos uma dose. Em especial, nos países africanos, apenas 11,1% das pessoas receberam vacinas, destes aproximadamente 7,3% de africanos totalmente vacinados. Na Tabela 1, são apresentados os percentuais da população de cada continente que receberam uma dose da vacina ou apresentam esquema vacinal completo (OUR WARD IN DATA, 2021). Os números apresentados para o continente africano são, para dizer o mínimo, uma denúncia incontestada da iniquidade enfrentada por sua população.

E tudo indica que essa situação escorchante se prolongará. A OMS - Organização Mundial da Saúde estima que até o final do ano apenas cinco dos 54 países africanos atingirão a meta de 40% de seus habitantes com esquema vacinal completo contra a COVID-19. O déficit de vacinas nesse continente é de cerca de 275 milhões de doses e somente três países (Ilhas Seychelles, Maurício e Marrocos) alcançaram a meta de 40% de pessoas completamente vacinadas (esses países contam com cerca de 36,5 milhões de pessoas). Mas isso não é tudo, os insumos também são escassos e a tempestade perfeita pode trazer também um déficit significativo de seringas que terá de ser enfrentado. Por outro lado, como era de se infelizmente se esperar, mais de 70% dos países de alta renda têm 40% ou mais de sua população completamente vacinada (G1, 2021).

Tabela 1. Distribuição percentual de pessoas vacinadas contra a COVID-19, segundo continente (30/11/2021)

Continentes	% Totalmente Vacinados	% Parcialmente Vacinados	% Total
América do Sul	58,2	15,0	73,3
América do Norte	54,7	9,9	64,6
Europa	58,0	4,6	62,7
Ásia	48,5	14,5	62,8
Oceania	55,1	4,4	59,5
África	7,3	3,8	11,1
Mundo	43,1	11,3	54,5

Fonte: Dados tabulados pela autora com base no informado pelo site Our World in Data.

No Brasil, estudo recente da Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ, 2021) também denuncia as desigualdades regionais na vacinação contra a COVID-19, a despeito dos dados apontarem que, em 08 de dezembro de 2021, 74,95% da população brasileira havia recebido a primeira dose da vacina contra a COVID-19 e que, 64,78% dos brasileiros concluíram o esquema vacinal, além de 9,04% já terem recebido uma dose de reforço da vacina, de acordo com os critérios de intercambialidade do imunizante (Tabela 2).

Tabela 2. Distribuição da taxa de cobertura vacinal contra a COVID-19, segundo macrorregião do Brasil (08/12/2021)

Continentes	% de Municípios com Mais de 80% da População Vacinada	% de Municípios com Mais de 80% da População Vacinada
	1ª. Dose	2ª. Dose
Sul	57,5	30,0
Sudeste	49,4	27,2
Centro-Oeste	41,6	11,8
Nordeste	26,4	2,7
Norte	6,2	1,1

Fonte: Dados tabulados pela autora com base no informado pela Fiocruz, nota técnica 23 (dez/2021).

Esse estudo da Fiocruz acrescenta que, dos 5.570 municípios brasileiros, menos de 900 (cerca de 16%) alcançaram mais de 80% de sua população com o esquema vacinal completo e que são as cidades com baixo IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) aquelas que apresentam as menores

taxas de cobertura vacinal. Do ponto de vista dos estados, Acre, Amazonas, Amapá, Maranhão, Pará, Roraima e Tocantins contabilizaram apenas cerca de 7% de seus municípios com coberturas vacinais acima de 80%, para a primeira dose. Além disso, nenhum município nesses estados alcançou percentual superior a 80% para a segunda dose da vacina contra a COVID-19 (FIOCRUZ, 2021).

Portanto, as iniquidades se revelam nos mais variados contextos e no mundo que encolheu sendo uma denúncia de que os de maior renda esquecem que não há fronteiras para vírus e que pandemia (como a própria palavra indica) se refere a todo o planeta.

Durante a 76ª Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU), ocorrida em setembro de 2021, a Primeira-ministra de Barbados, Mia Amor Mottley, fez a seguinte declaração, relembrando a letra de música escrita por Bob Marley, *Who will get up and stand up?*

Quem se levantará em nome de todos aqueles que morreram durante esta terrível pandemia? São milhões. Quem se levantará em nome de todos aqueles que morreram por causa da crise climática? Quantas mais variantes de covid-19 devem chegar, antes que um plano de ação mundial de vacinação seja implementado? Quantas mais mortes devem ocorrer antes que 1,7 bilhão de vacinas em excesso na posse dos países avançados do mundo sejam compartilhadas com aqueles que simplesmente não têm acesso? Temos os meios para dar a cada criança deste planeta um comprimido. E temos os meios para dar a cada adulto uma vacina. E temos os meios para investir na proteção dos mais vulneráveis em nosso planeta contra uma mudança no clima. Mas optamos por não fazê-lo. Não é porque não temos o suficiente, é porque não temos a vontade de distribuir o que temos (CHADE, 2021).

Vale lembrar que o fato de a África do Sul ter sido o primeiro país a sequenciar e informar à OMS a existência de uma nova variante do SarsCOV-2, atualmente conhecida por variante Ômicron, ao invés de promover reconhecimento e agradecimento ao país e suas autoridades sanitárias, fomentou um isolamento ainda maior do país com fechamento de fronteiras aos países sul africanos e imediata recomendação de estabelecimento de barreiras sanitárias, antes mesmo de se ter ou não indicativos de que a variante teria, de fato, surgido na África do Sul (CHARLEAUX, 2021).

Tudo isso me leva à necropolítica, conceito cunhado por Achille Mbembe (2016), que grassa como infinita nuvem de chumbo sobre a África. E os olhos de onda da senhora da foto observam no além-mar os corpos caídos de seus irmãos negros. O pontiagudo Chifre da África não fura o olhar transoceânico da senhora de Querala. Os humanos se reconhecem ao longe, no extra mar, no supra mar, os olhos de onda dessa senhora vagueiam nas ondas do pacífico a solidarizarem-se com seus vizinhos esquecidos da terra. E, desafortunadamente, não é apenas na África que necropolítica empala as vidas consideradas descartáveis pelo capitalismo desenfreado. Este é o martírio de inúmeros países classificados como economias de renda média-baixa.

Vale lembrar que Mbembe (2016), em seu ensaio sobre necropolítica,

[...] pressupõe que a expressão máxima da soberania reside, em grande medida, no poder e na capacidade de ditar quem pode viver e quem deve morrer. Por isso, matar ou deixar viver constituem os limites da soberania, seus atributos fundamentais. Exercitar a soberania é exercer controle sobre a mortalidade e definir a vida como a implantação e manifestação de poder (MBEMBE, 2016, p.123).

Por isso, não me parece um engano fazer coro ao que argumenta Mbembe (2016)

[...] que as formas contemporâneas que subjagam a vida ao poder da morte (necropolítica) reconfiguram profundamente as relações entre resistência, sacrifício e terror. [E demonstra] que a noção de biopoder é insuficiente para explicar as formas contemporâneas de subjugação da vida ao poder da morte. [Propondo, ainda] a noção de necropolítica e necropoder para explicar as várias maneiras pelas quais, em nosso mundo contemporâneo, **armas de fogo são implantadas no interesse da destruição máxima de pessoas e da criação de “mundos de morte”**, [grifo meu] formas novas e únicas da existência social, nas quais vastas populações são submetidas a condições de vida que lhes conferem o status de “mortos-vivos”. [E esboça] algumas das topografias reprimidas de crueldade (fazenda e colônia, em particular) e sugeriu que, sob o necropoder, as fronteiras entre resistência e suicídio, sacrifício e redenção, martírio e liberdade desaparecem (MBEMBE, 2016, p. 146).

Nesse sentido, vem à tona o conceito de sindemia proposto por Singer, que alguns autores têm abraçado e a OMS apoiado como sendo um termo que pode proporcionar algumas facetas importantes para pensar questões e intervenções para o enfrentamento da COVID-19. Codeço e Coelho (2008), numa tentativa de aclarar o termo, declaram que

Uma sindemia é definida como a interação entre doenças ou agravos à saúde em populações, que magnificam os efeitos deletérios umas das outras. Exemplos de sindemias são “uso de drogas – violência – aids”; “aids – outras DSTs”; “HIV – tuberculose”. Estas doenças interagem por diversos motivos, seja porque uma doença aumenta a susceptibilidade à outra (como é o caso de sífilis e HIV); ou um agravo (violência) modifica o ambiente social (apoio social) no qual a doença infecciosa se dissemina (CODEÇO & COELHO, 2008, p. 1778).

Dito de outra forma, uma sindemia na pandemia de COVID-19 pode ser detectada quando ocorre o imbricamento de diversos fatores concomitantes como ausência de ou negligências em políticas públicas, escassez de insumos básicos como artigos de higiene e limpeza e/ou equipamentos de proteção individual, insegurança alimentar, desemprego, dificuldade de acesso a equipamentos de saúde, medicamentos e vacinas.

Esse conceito é útil, portanto, para abordar o conjunto de fatores que promove efeitos deletérios e não apenas a doença ou o agravo de saúde de maneira isolada. Como afirmaram Singer e colaboradores (2017),

Especificamente, uma abordagem sindêmica examina por que certas doenças se agrupam (isto é, múltiplas doenças que afetam indivíduos e grupos); os caminhos pelos quais elas interagem biologicamente nos indivíduos e dentro das populações e, assim, multiplicam sua carga global de doença e as maneiras pelas quais os ambientes sociais, especialmente as condições de iniquidade e injustiça social,

contribuem para o agrupamento e interação da doença, bem como para a vulnerabilização (SINGER et al., 2017, p. 941, tradução da autora).

Ou ainda, no dizer de Bottallo (2020),

A natureza sindêmica da ameaça que enfrentamos exige não apenas tratar cada aflição, mas também abordar urgentemente as desigualdades sociais subjacentes que as afetam, ou seja, a pobreza, a moradia, a educação e a raça, que são fatores determinantes poderosos da saúde (BOTTALLO, 2020, s/n.).

Tudo isso está desenhado no olhar da *senhora com os olhos do mundo*. As iniquidades, a multidão de vulnerabilizados sociais, os impiedosos senhores do dinheiro do mundo, as injustiças dos governantes, o egoísmo dos proprietários de umbigos sem par, donos da certeza de antolhos de que são os únicos merecedores das benesses do planeta. Falta a alteridade, falta a hospitalidade, falta receber o estrangeiro e falar a sua língua. Sim... foram olhos acolhedores da senhora de Querala que me remetem a encerrar esse texto com a noção de hospitalidade descrita por Derrida (2003):

A questão da hospitalidade começa aqui: devemos pedir ao estrangeiro que nos compreenda, que fale nossa língua, em todos os sentidos do termo, em todas as extensões possíveis, antes e a fim de poder acolhê-lo entre nós? Se ele já falasse a nossa língua, com tudo o que isso implica, se nós já compartilhássemos tudo o que se compartilha com uma língua, o estrangeiro continuaria sendo um estrangeiro e dir-se-ia, a propósito dele, em asilo e em hospitalidade? É este paradoxo que vamos precisar (DERRIDA, 2003, p. 15).

É necessário, portanto, extrapolar as fronteiras das linguagens encapsuladas e acolher o estrangeiro. É necessário enfrentar o paradoxo do respeito às idiossincrasias, à cultura, às etnias, escutar a língua do estrangeiro e, no exercício da alteridade, exercer uma a hospitalidade incondicional. Chegamos a um limite planetário. Nenhum País, Estado ou Nação; Cidade, Bairro, Residência ou Pessoa é uma capsula blindada aos perigos ou rodeada de segurança. Os olhos cansados e plenos de mensagens da *senhora com os olhos do mundo* me ensinam a similitude da diferença ao passo em que denunciam a indiferença dos que não se reconhecem como semelhantes.

Obrigada, *senhora com os olhos do mundo*. Obrigada Narinder Nanur.

Referências:

BOTTALLO, Ana. Combinação de Covid-19 e doenças crônicas cria “sindemia global”, sugere estudo. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 15 out. 2020. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/10/combinacao-de-covid-19-e-doencas-cronicas-cria-sindemia-global-sugere-estudo.shtml>>. Acesso em: 02 nov. 2021.

CALCANHOTTO, Adriana. Olhos de Onda. **Álbum Olhos de Onda**. Sony Music Entertainment. 2014.

CHADE, Jamil. Antítese de Bolsonaro, primeira-ministra cita Bob Marley e chacoalha a ONU. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/colunas/jamil-chade/2021/09/25/antitese-de-bolsonaro-primeira-ministra-cita-bob-marley-e-chacoalha-a-onu.htm>>. Acesso em: 07 dez. 2021.

CHARLEAUX, João Paulo. Como a reação à variante ômicron impacta a África do Sul. Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2021/11/29/Como-a-rea%C3%A7%C3%A3o-%C3%A0-variante-%C3%B4micron-impacta-a-%C3%81frica-do-Sul>>. Acesso em: 07 dez. 2021

CODEÇO, Claudia Torres & COELHO, Flavio Codeço. Redes: um olhar sistêmico para a epidemiologia de doenças transmissíveis. **Ciência & Saúde Coletiva**, 13(6): 1.767-1.774, 2008. Disponível em: <www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232008000600011&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 01 nov. 2021.

DERRIDA, Jacques. **Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar Da Hospitalidade I Jacques Derrida [Entrevistado]**; Anne Dufourmantelle; tradução de Antonio Romane; revisão técnica de Paulo Ottoni. São Paulo: Escuta, 2003;144 p.

FIOCRUZ. Nota Técnica 23 20 de dezembro de 2021 MonitoraCovid-19 – ICICT / FIOCRUZ. Disponível em: https://bigdata-covid19.icict.fiocruz.br/nota_tecnica_23.pdf Acesso em: 23 dez. 2021

FRANCE PRESSE. Índia vacina 10 milhões de pessoas contra a Covid-19 em apenas um dia. **G1. Mundo**. 28 ago. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2021/08/28/india-vacina-10-milhoes-de-pessoas-contr-a-covid-19-em-apenas-um-dia.ghtml> Acesso em: 01 nov. 2021.

GOOGLE NOTÍCIAS. Coronavirus (COVID-19). Disponível em: <https://news.google.com/covid19/map?hl=pt-BR&gl=BR&ceid=BR%3Apt-419&state=4> Acesso em: 01 nov. 2021.

G1. Só 5 países africanos devem conseguir vacinar 40% de suas populações contra a Covid-19 até o fim do ano, prevê OMS. **G1. Coronavírus. Vacinas contra o coronavírus**. 28 out. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/saude/coronavirus/vacinas/noticia/2021/10/28/so-5-paises-africanos-devem-conseguir-vacinar-40percent-de-suas-populacoes-contr-a-covid-19-ate-o-fim-do-ano-preve-oms.ghtml> Acesso em: 01 nov. 2021.

MBEMBE, Achile. Necropolítica. **Arte & Ensaios**, n. 32, p.123-151, 2016. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/ae/article/view/8993/7169>. Acesso em: 01. nov. 2021

OUR WORLD IN DATA. **Statistics and Research Coronavirus (COVID-19) Vaccinations**. Disponível em: <https://ourworldindata.org/covid-vaccinations> Acesso em: 01 nov. 2021.

SINGER, Merril et al. Syndemics and the biosocial conception of health. **The Lancet**, 389(10.072): 941-950, 2017. Disponível em: <[www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736\(17\)30003X/fulltext#:~:text=The%20syndemics%20model%20of%20health,negative%20effects%20of%20disease%20interaction](http://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736(17)30003X/fulltext#:~:text=The%20syndemics%20model%20of%20health,negative%20effects%20of%20disease%20interaction)>. Acesso em: 01 nov. 2021.

Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores concordam que caso o manuscrito venha a ser aceito e postado no servidor SciELO Preprints, a retirada do mesmo se dará mediante retratação.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.